**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**

**INSTITUTO DE ARQUITETURA E URBANISMO**

**Trabalho final de Estética II**

**Discentes**

Gabrielle dos Santos Pedroso - 10264550

Lucas Cortez Marcolino - 11908591

**Docentes**

Ruy Barbosa Lopes

**São Carlos**

**2022**

A partir de discussões realizadas em sala de aula ao longo do semestre, foram possíveis fazer diversos questionamentos acerca do conceito de arte, que teve inúmeras maneiras de se pensar e expressar, mas duas em específico tiveram diferenças e paradoxos que ainda podem confundir a visão que as pessoas têm sobre elas, sendo elas a arte moderna e a arte contemporânea, chegando a serem vistas como sinônimos de diferentes períodos históricos ao qual estão inseridos e, Celso Favaretto, em seu texto “Arte contemporânea - opacidade e indeterminação”, diz muito a respeito dessa relação.:

*“Chama-se de ‘arte contemporânea’ o ato de transgressão da fronteira, que tende sempre a se restaurar, entre o que é admissível no campo da arte e o que não, ou não o é ainda.”*

*(FAVARETTO, Celso. “Arte contemporânea - opacidade e indeterminação”, Pág. 13)*

Sendo assim, entende-se que, em linhas gerais, a arte moderna surgiu após um período sóbrio da arte e, os artistas daquela época (século XIX e XX) acreditavam que a arte deveria ser reinventada, criando novas formas e visões para suas obras de arte, além de se sentirem na obrigação de trazerem obras inovadoras para o mundo da arte. Com isso, tem-se, também, a passagem do cinema e fotografia ao mundo da arte, sendo considerados, agora, como uma forma de expressão artística. Era claro a insaciável vontade de criar novas formas de pensar e enxergar os acontecimentos do mundo, porém tudo sendo representado de forma única, o que foi capaz, dado os adventos de novas tecnologias.

Porém, com todo esse avanço, houve também o aumento do cenário capitalista, em que a máquina representava o símbolo da inovação e da ruptura. Portanto, é nessa época que tem-se o cerne das transformações sociais, políticas e ideológicas, cuja alma teve assento no sentido da modernidade.

*“(...) ser moderno é viver uma vida de paradoxo e contradição (...) é fazer parte de um universo, no qual, como disse Marx, tudo o que é sólido desmancha no ar”*

*(BERMANN, Marshall. “Tudo o que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade”, Pág. 15)*

Porém, a velocidade dos fatos causou um certo senso de competitividade, o que matava aos poucos a solidariedade humana, o que antes era facilmente encontrada nas oficinas e ateliês, provocando um esgotamento das relações entre a arte e o belo.

A arte contemporânea, por sua vez, parece desconcertante, já que rompe com os enraizados padrões e vícios de pensamento e linguagem, não se submetendo às aparências do “Belo”. Sua “feiúra” e caráter anti social são indissociáveis do esforço empreendido na preservação de sua autonomia, ou seja, a arte precisa ser antissocial para ser social, precisa endurecer-se para humanizar-se. A forma da arte no século XX deve ser vista na sua ambiguidade, isto é, como esforço de superação de suas próprias contradições, traz uma interpretação da realidade e para além dela.

Em termos mais objetivos, a arte contemporânea caracteriza-se pela inquietação do homem e sua busca pelo novo, original e único. O conceito da obra se tornou o foco principal destes artistas, não importando se o mesmo sabia ou não desenhar ou utilizar técnicas. O essencial para os artistas contemporâneos é trazer uma reflexão com sua obra de arte. E nesse contexto, o teatro, o cinema, a música e até mesmo os grafites poderiam ser considerados arte, visto que apresentam um mix de técnicas, trazendo sentimentos de reconstrução e recuperação social, trazendo um foco e atenção na crítica do cotidiano, como a política, por exemplo.

Quanto mais unidimensional se torna a realidade, mais o pensamento tem que negar o existente para garantir sua própria sobrevivência. Se pensamento (no sentido forte do termo) e realidade são absolutamente discrepantes, quanto mais a linguagem evidencia essa discrepância, mais potente ela é. Ou seja, é a recusa do social que investe a obra de arte de uma força social capaz de se contrapor às forças históricas que ameaçam liquidá-la, esmagando o último refúgio da subjetividade.

Nesse contexto, pode ser citado *Democracia em vertigem,* um documentário lançado em 2019, pela Netflix, em que narra o processo de crise política vivido durante o período final do governo PT e o impeachment da então presidenta Dilma Rousseff. Além disso, a narrativa se passa a partir de um olhar pessoal de Petra Costa, onde ela mostra sua visão sobre o momento delicado que vivia o país e registra a realidade polarizada que se instaurou.

Ainda, o contexto o qual o longa metragem retrata, evidencia, de certo modo o conceito de “Eficácia Estética” trazido à tona por Rancière, que diz respeito à “eficácia da suspensão de qualquer relação direta entre produção de um efeito determinado sobre um público”, dando exemplo do “Torso de Belvedere”, estátua grega que, apesar de ser desprovida de todas as características de “beleza expressiva”, ainda foi convertida em uma figura heróica por Schiller através de suas análises, a qual buscavam enaltecer a todo custo suas características e, assim, “criar” um significado para ela no imaginário popular.

Comparado ao período atual retratado no documentário de Petra Costa, dado todo o escândalo e descuido do governo anterior, foi sendo criada a imagem de uma nova imagem política, que vem com o objetivo de “salvar” a população de algo tomado como “bicho papão” no âmbito político. Jair Bolsonaro, com todos os seus ideais de extrema direita, ainda que expressando certas ideias duvidosas, utilizou de maneira certeira os novos meios de comunicação, ganhando a atenção da população com a narrativa totalmente contrária a do governo anterior, criando uma imagem de salvador, de um messias, fazendo com que todos os seus feitos e “não feitos” passados fossem relevados ou até mesmo aceitos.

Portanto, o paradoxo da resistência subjetiva ao social, que guarda a esperança de uma nova base social, prende-se a uma exigência da linguagem: o auto esquecimento do sujeito que se abandona à linguagem como algo objetivo faz ressoar a linguagem de modo a que ela própria se faça ouvir.

Por fim, partindo das leituras feitas sobre o tema e buscando um elo de ligação entre a arte e a política, temos que ambas necessitam da interação com um terceiro elemento, se tratando nos dois casos dos seres humanos com elemento interativo. Sendo assim o público se torna de extrema importância no teatro, para que os pensamentos e sentimentos em cena sejam testemunhados, e na política para que as propostas e dissoluções sejam comentadas e discutidas entre os seres coabitantes, o que acaba por conectá-los como atividades que ocorrem no campo da visibilidade.

Ainda nesse sentido, para Rancière política e arte pela estética estão ligados por meio do conceito de dissenso. Neste conceito ele explora as articulações que política e estética podem ter com seus objetos, não sendo somente sobre aquilo que elas dizem a respeito. De modo que é exclusivamente através do dissenso que a política se transforma em visível, como por exemplo na demonstração política de desentendimento em que o ponto focal se trata do encontro da lógica de igualdade com a lógica de desigualdade, ambas compõem uma cena.

Ampliando um pouco mais o conceito sobre estética, tem-se que como disciplina filosófica a intenção de se debruçar sobre a relação entre sujeito e objeto, entre sensível e o inteligível e até mesmo entre arte e verdade. E com uma acepção moderna, segundo o filósofo alemão Alexander Baumgarten, a estética enquanto disciplina permeada pelo absolutismo político redescobre a esfera do corpo, dos afetos e das sensibilidades, ocupando as experiências humanas pela razão.

Ainda assim, para Rancère o termo estética não se caracteriza por uma disciplina filosófica que busca investigar a receptividade sensível, nem se resume ao modo de apreensão do belo ou a teoria da arte buscando entender seus efeitos no espectador. O que para o autor não faz sentido delimitar seu conceito a uma disciplina filosófica, uma vez que é englobada como um ramo da manifestação do dissenso.

*“Quando meu trabalho não pertence a uma disciplina, ele pertence a uma tentativa de romper as fronteiras das disciplinas. Porque as fronteiras estão ai apenas para dizer que você não pode cruzar a fronteira, e para dizer: existem dois tipos de pensamento, dois tipos de seres pensantes. O que eu tentei demonstrar é que só há um tipo de ser pensante e que todo mundo usa seu cérebro para tentar entender algo. Então, uma disciplina é uma ficção. Isto não significa que ela é imaginária. Significa que é um tipo de construção de um território com uma população, com formas de representação sensoriais, com modos de constituição de sentido de coisas. É também uma ficção política ou meta-política.” (RANCIÈRE, J. Entrevista: Art is going elsewhere. And Politics has to catch it. KRISIS. Jornal of Contemporary Philosophy, p. 72.)*

Outra óptica que Rancière aborda é a de repensar a relação entre a estética e a história escrita da arte moderna, como principal ponto que deve nortear o pensamento estético atual, questionando e denunciando as narrativas vencedoras. Sendo o principal desafio, desse pensamento, conseguir dar voz às outras visões que não faziam parte dessas narrativas vitoriosas. Em “Os Paradigmas da Arte Política” o autor disserta sobre como não adotamos mais o modo como o teatro do século XVIII buscava a correção dos modos, com fundamentos que buscavam moldes de ação e reação a serem reproduzidos ou abolidos.

**Referências**

OSORIO, LUIZ CAMILLO . **Querelas que interessam: Forensic Architecture e os paradoxos da arte e da política.** VISO : CADERNOS DE ESTÉTICA APLICADA , v. 14, p. 71-91, 2020.

RANCIÈRE, J. **O espectador emancipado.** Urdimento - Revista de Estudos em Artes Cênicas, Florianópolis, v. 2, n. 15, p. 107-122, 2010.

FAVARETTO, C. **Arte contemporânea – opacidade e indeterminação.** Rapsódia, [S. l.], n. 8, p. 11-28, 2014

RANCIÈRE, J. Entrevista: **Art is going elsewhere. And Politics has to catch it**. KRISIS. Jornal of Contemporary Philosophy, p. 72.

BERMANN, Marshall. **Tudo o que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.